



# A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção  
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon, Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis

# A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção  
da Psicologia Social

## ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon,  
Vanessa Maurenre e Carolina dos Reis



ABRAPSO EDITORA

Florianópolis - 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A pesquisa como criação de mundos [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.]. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023. PDF

Vários autores.  
Outros organizadoras: Simone Paulon, Vanessa Maurenente, Carolina dos Reis.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-88473-23-8

1. Ensino superior (Pós-graduação) 2. Pesquisa científica 3. Psicologia social I. Amador, Fernanda. II. Paulon, Simone. III. Maurenente, Vanessa. IV. Reis, Carolina dos.

23-168143

CDD-302

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicologia social 302

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

*Projeto gráfico e design de capa: Arnaldo Bublitz*  
*Arte da capa: Vento não se captura, é sentido.*  
*por Zeca Amaral (ezequiel\_candidoamaral@hotmail.com)*

## **CARTAS INTERVENIENTES:** **SOBRE PESQUISAS BRINCANTES E ARTESANIAS COLETIVAS**

*Simone Mainieri Paulon | Moises Romanini | Dário Frederico Pasche | Mário Francis Londero  
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos | Luciana Barone | Ariadne Cedraz | Cassio Nogueira  
Diogo Faria Corrêa da Costa | Tamires Sivinski | Iago Marafina | Juliana Baldasso Siqueira*

Narrar percursos de pesquisa de um coletivo que, ao longo de seus 10 anos de vida acadêmica, embrenhou-se no campo da saúde coletiva e da saúde mental, imbuído do espírito cartográfico e embalado pela disposição afirmativa de dizer “Sim” à vida, é dispor-se, e um tanto junto despir-se, a uma escrita com as vísceras. “Não vê que isto é como um filho nascendo?” usando uma expressão de Clarice Lispector (1998, p. 69). Dói, adverte a poetisa. Pois a vida, quando pede expansão, dói. É um pouco desta lenta e boa dor de um vir-a-ser se processando em corpos-pesquisantes, que, ao se gestarem pesquisadoras/es, partejavam tantas outras vidas, em si e naqueles com quem trabalhavam, que este grupo de investigadoras/es quer contar. Aprendemos com o movimento feminista contemporâneo que o pessoal é político e, assim, ao compartilharmos nossas histórias, politizamos nossas experiências antes consideradas íntimas. Ao escrever, ler, escutar e compartilhar nossas histórias, como nos diz bell hooks (2020), construímos relações cooperativas, de escuta profunda, de acolhimento do estranho-em-nós, conectamo-nos com outras histórias. Trata-se, pois, de uma escrita amorosa e, assim como o aprendizado genuíno, o amor é sempre mútuo (hooks, 2020).

O convite feito ao grupo - àquela/es que o compõem estudando junto toda semana, àquela/es que levaram suas experimentações intervenientes para outras paragens, àquela<sup>1</sup> que já se foi e deixou sua marca viva na história do grupo, a quem está se chegando... - foi de falarmos dos encontros que forjaram nossos modos de pesquisar, formaram pesquisadoras/es em Psicologia Social e produziram outros encontros com novas saúdes, outros possíveis, novos sujeitos pesquisantes e pesquisados. Sujeitos pesquisadores e sujeitos pesquisados, aliás, não são funções *apriorísticas*, dadas por lugares institucionais anteriores ao processo investigativo. Na pesquisa implicada que o

1 Referência à nossa saudosa colega, Loiva De Boni Santos, falecida em 2016, pouco tempo depois de defender seu mestrado junto ao grupo InterVires.

InterVires se propõe a fazer junto a diferentes coletivos interessados em olharem para si, se pensarem como grupos e analisarem suas composições e impasses cotidianos, todos são sujeitos investigadores/em investigação.

Na utopia auto gestonária que embasa as metodologias participativas, herdadas e reinventadas a partir das referências socio analíticas, psicanalíticas, dos estudos etnográficos e da cartografia, todo processo de pesquisa resultaria na formação permanente de toda/os envolvida/os como pesquisadora/es. Desde a academia, a comunidade, a rua, o serviço de saúde ou o residencial terapêutico, não há, ou não gostaríamos que houvesse, um *locus* de pesquisa que por si só defina a condição de fazer-se pesquisador/a. O que forja a disposição investigativa é, antes de um saber sobre um outro, a aposta na produção compartilhada de conhecimentos, a tecitura conjunta e necessariamente coletiva de compor verdades, inventar novas realidades, desafiar o já sabido, produzir desvios no já dado.

Clínica, política, formação e pesquisa, nessa perspectiva, se definem mutuamente, com fronteiras muito tênues entre si, que por vezes se confundem. É desde este não-lugar de se produzir conhecimentos que este grupo de pesquisa quer se apresentar. Para fazê-lo, escolhemos falar dos encontros que o compuseram. Pois é como fruto dos encontros com autora/es, com professora/es, com colegas, com tanta/os trabalhadora/es que nos confiaram suas histórias, com usuária/o cujas vidas loucas tanto nos ensinaram, que esta década de existência do InterVires se fez. Nossa gratidão a estes inúmeros coletivos com os quais nos (e eventualmente os) formamos pesquisadoras/es formulou-se na forma de cartas endereçadas a alguns dos personagens que compuseram a história deste grupo de pesquisa-intervenção.

Estas cartas, intervenientes porque resultantes de processos de criação e artesanias coletivas, afirmam re-existências e desvios aos instituídos. São escritas pululantes de corpos-pesquisantes que, nos diferentes campos de pesquisa, gra-cejam, entretêm-se e burlam os limites do preestabelecido, brincam e produzem pesquisas brincantes. O brincar, aqui, tem implicações ético-estético e políticas. A pesquisa brincante é ética porque comprometida com a afirmação dos diferentes modos de ser e existir; é estética naquilo que cria permanentemente novos mundos, tomando o mundo como obra de arte; e é política porque, ao brincar, pular, dançar e criar, escolhemos o tipo de mundo em que queremos viver. Ao fazermos essa escolha, adiamos os fins de muitos mundos:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade

de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, adiaremos o fim. (Krenak, 2020, pp. 26-27)

Aceitamos, então, o desafio proposto por Krenak, contando, escrevendo e compartilhando nossas histórias, ‘re-produzindo’, reinventando as possibilidades do ser-em-grupo, do nosso coletivo, e lembrando e recriando os nossos brincares.

## **A GONÇALO TAVARES**

### **O MIRACULOSO**

Em meados de março de 2009, pode se dizer, o InterVires fora parido. nascido em meio a professores do departamento de psicologia, de alunos de graduação e pós-graduação e de trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), em um primeiro momento nem nome ganhara, em um insucesso para conseguir nomear aquele coletivo desejante. eram tantas frentes cartográficas realizadas ao mesmo tempo que encontrávamos dificuldades para achar uma agulha de costura que desenhasse, com seus pontos, um traçado nomeador do grupo. afetos titubeantes rondavam aquela sala de aula de classes postadas em círculo, uma dança das cadeiras com a qual muitas forças confluíam sem permitir, em razão de sua intensidade animaisca, uma linha que desse maior contorno ao grupo. trabalhadores narravam suas experiências do ato de cuidar e das dificuldades e invenções feitas no trato para com a gestão e a comunidade em geral; professores, com muita “cança” na escutava interventiva do campo da saúde mental, “bolavam”, ao mesmo tempo que escutavam, percursos problematizantes para as rodas de conversa ali realizadas; e alunos, com diferentes posturas, como: (a) estar se perguntando o que está ali a fazer; (b) ficar vislumbrado com este mundo de discussões, mas não conseguir formular duas frases com nexos para contribuir na discussão; (c) debater como “gente grande” de maneira a receber o olhar encantado dos mestres ou o olhar surpreso, pela astúcia de tal ato, daqueles que tinham as atitudes 1 ou 2. as atitudes 1 e 2 eram as que predominavam em meu corpo desacomodado por tais afetos inusitados da academia e deste nascimento de grupo. a tipo 3 só pairava em meus pensamentos, sem a ação em si de falar e compartilhar o pensar no grande grupo. as palavras quase atropelavam minha boca, colidiam-se com meus dentes serrados pela tentação de querer falar e não se autorizar. e quando alguma palavra escapulia, saía toda torta, em movimentos ziguezagueantes, que mal eram possíveis de compreensão. o fato era que estes movimentos em devir, que ocorriam nos encontros, percorriam o corpo grupal e o meu próprio corpo recém-chegado na academia para pesquisar a prática do acompanhamento terapêutico. quase como um traço unário, esse desejo de movimentação, de deslocamento e desnaturali-

zação interventiva, deixa este grupo sempre atento aos nuances que borbulham no coletivo que ao longo de seus anos foi se atualizando em uma vontade pelo novo, potência que vigora um laço ético combativo junto às forças conservadoras. não por acaso, nesta inspiração que os devires singulares ao grupo trazem, algumas de suas letras foram cifradas para compor o nome deste coletivo de escuta interventiva e problematizadora do campo da saúde mental:

**interdisciplinar**

**intersetorializar**

**vires a ser**

**instituir**

**devires**

**intervir**

**InterVires**

*um abraço,  
Francis.*

## **A TODES INTERVENIENTES DESEJANTES DESSE MUNDO,**

Lembro com muito carinho, com muita nitidez e saudade no peito, daquele dia em que escolhemos o nome InterVires e o que gostaríamos que representasse e produzisse em nós e nos outros. Quanta saudade!!! Quantas pessoas queridas e com quem aprendi tanto!!!

InterVires não era apenas um grupo de pesquisa, um grupo a mais nas listas do CNPQ, não, definitivamente não era e não é!!! Reunia uma gente de tudo que era canto, gente cheia de vida e experiências para compartilhar. Cada encontro alçava-me longe no horizonte das perspectivas, tanto de pesquisa quanto de vida. Lembro dos encontros, das risadas, dos almoços, especialmente de uma visita ao Morada São Pedro<sup>2</sup> e Simone dizendo, em seu jeito bem-humorado, saindo do

2 Serviço Residencial Terapêutico anexo ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre/RS.

portão de acesso ao centenário hospital psiquiátrico: *agora vão nos revistar para ver se não estamos levando um louco com a gente!!!!*

Assim eram os encontros desse grupo: para além das teses, dissertações e artigos, era afeto, risada, parceria, acolhimento. Reunia estudantes e profissionais das diversas redes e isso fazia toda diferença. A troca de saberes pautada na vivência prática oxigenava a academia e nossas intenções de pesquisadores.

Penso que essas experiências foram as mais marcantes para mim enquanto estive no grupo: um misto de aprendizagem teórica, acadêmica, militância, defesa do SUS e da Reforma Psiquiátrica, com participação em eventos em prol da Saúde Mental e da Luta Antimanicomial. Para um trabalhador do SUS, cheio de angústias e sofrendo com os processos burocráticos e institucionalizantes, o InterVires trazia vida, oxigênio, potência e esperança para seguir adiante!

Fico muito feliz em poder lembrar um pouco dessa história nesses 10 anos do grupo, especialmente em poder afirmar a diferença e a força que pesquisas-intervenções podem produzir e abrir brechas nas instituições. Brechas-rupturas fundamentais nos modos de fazer pesquisa e produzir conhecimento! Embora não mais fisicamente presente, ainda me sinto parte deste grande coletivo, que acompanho virtualmente e sinto muitas saudades!

Importante mesmo poder marcar a história dos 20 anos do PPGPSI da nossa querida UFRGS, pois, com toda certeza, o InterVires já deixou seus frutos espalhados pelos rincões do Rio Grande e de nosso Brasil afora.

Saudade, saudade e mais saudade!

*Um abraço,  
Diogo.*

## **À MEMÓRIA VIVA DE LOIVA,**

“Lançamos o barco, sonhamos a viagem: quem viaja é sempre o mar”. Início essa carta com essa oração de Mia Couto em *Mar me quer*, pois, navegar foi preciso. Essa é uma carta de amor, que talvez não seja endereçada a uma pessoa, mas a um movimento de acolhida num porto alegre. O InterVires acolheu movimentos marítimos, movimentos nossos que viemos do menor do Brasil (Michele, Alice, Mairla, Ariadne) e, aqui, acolher e menor não são palavras mofadas, dizem de relevos num terreno de formação e de luta. Acolher diz de tardinhas de alegria partilhadas a dar ouvidos a sotaques de pensamento, bordados em tons alaranjados mesmo num céu de inverno. Menor diz de um olhar crianceiro para a vida que do encontro brota entre sul e nordeste do Brasil, um encontro tecido pelo mote da luta antimanicomial. Um encontro com a resistência ao epistemicídio e etnocídio acadêmicos...Um encontro com sotaques, calores, cores quentes, mesmo em dias frios...



“O início de uma carta a ser escrita, mas para quem”? (Didi-Huberman, em *Cascas*). Pedacos de memória são pedacos de desejo, e um punhado de saudades. Lembrei agora de uma aluna da UFS, a Analu, que, nesses tempos pandêmicos, está fazendo o trabalho de conclusão de curso de graduação trocando cartas com Seu Cruz, usuário de um CAPS III aqui de Aracaju. “Não vamos avançar o sinal vermelho, que significa fogo”, escreve Seu Cruz numa das cartas, parecendo, perdendo a interpretação, responder à curiosidade de Analu sobre sua história. Estou eu aqui, a costurar as cartas trocadas entre eles, com os pedacos de memória do livro *O holocausto brasileiro* e o livro *Cascas*, do Didi-Huberman... Queria tanto bordar com vocês mais uma história...

Nessas horas é que tenho mais saudade do InterVires... Os olhos ardem com as imagens criadas nesses agenciamentos. As imagens esbraseiam e convocam a olhar para as coisas chás, como diria Didi-Huberman. Agora é tarde, é de tardinha, avançamos o sinal vermelho, mas não porque queremos decifrar a sua história, Seu Cruz. Há fogo nas palavras e nas coisas, há fogo nas práticas de cuidado em saúde mental. Avançamos o sinal vermelho e olhamos para as coisas inimagináveis: a humanidade dos homens, mulheres, crianças (monstros, anormais, desumanos) que as práticas de cuidado (humanas, demasiadamente humanas) tendem, ainda hoje, a olhar do alto e à distância nos laboratórios, diagnósticos, nos *settings*; e, mesmo quando ousam ir para o chão, ainda olham do alto e pro alto. Mas, Seu Cruz, quero lhe dizer, é a essa sina do olhar à distância focado nas alturas que esse ardor das tardes e encontros alaranjados fazem desaprender. Sua história nos interessa sim, mas porque não nos resignamos a esse impasse da imaginação, não nos resignamos diante daquilo para o que fomos formados: prescrever formas de vida para você se tornar humano.

Nessas horas, é que tenho mais saudade do InterVires. “E descobriu que o que tanto procura não estava na grandeza, mas no menor do Brasil. Tou te querendo, tou te querendo navegar”, diria Patrícia Polayne, cantora e compositora sergipana, em *Arrastada*. Navegar é preciso! Loiva, Francis, André, Rafaela, Dago, Cecília e Simone (me) acolheriam, (me) arrastariam até o mar e os pensamentos bailariam, pois juntos criamos caos dentro das práticas em saúde mental. Evandro, como que entendendo as ressonâncias, me daria comida e uma pedra...

*Saudades em tons de laranja,  
Michele.*

## **QUERIDO NEY,**

Ainda me lembro do impacto de suas palavras, da intensidade delas, quando nos contava sobre como era ser usuário da saúde mental, conselheiro de saúde e vice-presidente de uma associação – dizia-nos: “O usuário é a peça que tem toda

a bagagem de experiência, compartilhem o nosso sofrimento, é a maneira mais rápida de nos conhecer”. Uma história de luta por direitos e que viu, no nosso modo de pesquisar, um caminho para fortalecer-se e dar vazão ao que sentia de modo mais solitário, é bem verdade. Caminho é um bom termo, caminhos diferentes que ao se cruzarem possibilitaram transformar em *carne e sangue* aquilo que nosso grupo tensionava: o pesquisar*com*. Tu, Ney, sabias bem representar teus pares, e junto contigo foi possível encontrar outros usuários apropriados de si e, apropriados do que era percorrer os caminhos para um cuidado em saúde mental, transformavam-se em parceiros de pesquisa. Ah Ney, que lindas eram as tardes de grupos em que os possíveis eram possíveis, num tempo em que o caminhar não era tão inseguro, como hoje se desenha o horizonte da saúde.

Pesquisar, hoje, está mais difícil, pesquisar*com* então, nem se fale! Mas, interveniente é insistente e tu fostes um, insistíamos juntos para que a gestão nos ouvisse, insistíamos juntos para que os eventos sobre participação pudessem ganhar vida, insistíamos... Ainda assim, é necessário insistir. Acredito que tu daí, nós daqui.

Tu falavas do quanto a pesquisa mudava o modo de ver e sentir, e te digo, a recíproca é verdadeira. Depois da nossa intervenção, todos saíram diferentes, de minha parte, mais atenta e militante por modos participativos de pesquisar/trabalhar/construir o cuidado.

Como será que o Ney conselheiro/usuário/associação tem andado? Desejo que com a mesma intensidade com que compartilhava suas experiências e suas expectativas em nossa pesquisa. Intervir é o mote do grupo, se não assim, para que pesquisar? As andanças não foram mais as mesmas, mas as lembranças do que era possível são a força para nosso pesquisar-caminhar! Viva a pesquisa dos afetos, viva ao que ainda resiste, viva e obrigada por ter sido também interveniente!

*Um grande abraço!  
Tamires.*

## **AO TRABALHADOR EM MIM (EM UM SERVIÇO DE POLÍTICA PÚBLICA BRASILEIRO, ENTRE UM ATENDIMENTO E OUTRO...)**

Toda minha trajetória junto ao InterVires foi em função da minha experiência enquanto trabalhador que se tornou pesquisador. Habitar esses dois espaços tão distintos e tão semelhantes, sempre foi belo enquanto me consome. Se não há nada tão prático, como uma boa teoria, habitar esses dois espaços sempre complementaram e me deixaram com uma estranha sensação de ser muito teórico no trabalho e muito objetivo na academia.

Fui convidado a participar do InterVires em um MentalTchê, imaginando que seria somente mais um grupo de pesquisa, o que se mostrou depois em toda

sua potência e descobertas inventivas que eu estava redondamente enganado. InterVires é mais que um grupo de pesquisa, é um grupo de pesquisa-intervenção. Se, numa primeira olhada, parece dar no mesmo, depois de anos ligado a esse coletivo potente, podemos afirmar que ele nunca perdeu seu horizonte de pesquisar com compromisso social, produzindo realidades e novas maneiras de se trabalhar nas políticas públicas, notadamente no SUS e na Reforma Psiquiátrica.

Coletivo potente e acolhedor, abriga diversos sujeitos e suas propostas para o mundo, de diversos lugares do país, lugar talhado para o trabalhador em me poder pesquisar e praticar essa vivência intensa nas políticas públicas. Muitas vezes me senti amordaçado, deslocado no meu trabalho longe demais das capitais, como psicólogo litorâneo nas políticas públicas de Saúde Mental e Assistência Social, me achando o “errado da história” dessa psicologia muitas vezes conservadora e mantenedora de privilégios em um país tão desigual como o Brasil. O InterVires me proporcionou afirmar um lugar de diferença, de uma outra psicologia, social, analítica institucional, sempre inventiva, que analisa suas implicações e nega a neutralidade das intervenções em nome de um posicionamento ético-estético-político da profissão e de estar no mundo.

Ao fim e ao cabo, não teria um lugar melhor para um trabalhador-pesquisador habitar.

*Cássio*

## **QUERIDO COLEGA TRABALHADOR,**

Tenho lembrado muito de você nesses tempos de pandemia, de isolamento e de maternidade. São muitas mudanças nos modos de trabalhar, em que fico me perguntando sobre essas tais configurações e sobre como será depois de tudo isso. Pensar em como será, faz pensar em como foi e como é, ou melhor, como está sendo. Encontrei-te por muitas vezes nessas minhas trajetórias reflexivas, de interrogações. Sempre estavas em meio a muitos processos, tudo já andando, outras coisas aparentemente mais atravancadas, motivo de sofrimento muitas vezes. Como bem nos ensinou José Gil (2001), sempre entramos pelo meio, pois sempre estamos em movimento. Em tempos de aparente paralisação, esse pensamento retorna com força. Me toma. Quais movimentos são possíveis diante de tanto distanciamento e aparente parada? Um deles é este, motivo de minha escrita. Contar, relembrar e reconstruir nossos percursos pesquisantes no grupo InterVires. Deves lembrar de nossos inúmeros encontros nas pesquisas andantes que nosso grupo foi construindo com vocês. Na verdade, as pesquisas eram construídas por vocês. Ou seríamos nós? Enquanto trabalhadora da saúde e pesquisadora, o ingresso no grupo InterVires me cativou justamente pela possibilidade de hibridizar esses diferentes lugares, por perceber a presença dos trabalhadores na academia, seja de um modo mais

formal, ou através das pesquisas mais participativas. Entrei nesse grupo já assim, em andamento (pois afinal sempre entramos pelo meio, não é mesmo?!), cheio de trabalhadores questionadores, cheio de desejo de encontrar mais trabalhadores e construir conhecimento com eles. Fácil não era, não é mesmo? Nós, trabalhadores, temos muitas queixas, angústias, esperamos muitas respostas da universidade. Mas também temos brilho no olho, desejo de mudança e aproveitamos muitos desses encontros misturados de idas e vindas por muitos territórios por aí. Pude acompanhar mais os territórios da atenção básica, lá e cá, em diferentes cantos, e perceber o quanto de encontros iam se produzindo. Talvez essa seja a maior percepção desse grupo, que por si só já é muitos, e cada vez mais vinha querendo produzir muitos híbridos. Multiplicar híbridos.

Pois então, caro trabalhador. Muitas andanças construíamos. Com alguns trabalhadores a marca ficou mais forte, reverberou. Lembro daqueles ricos encontros em Alvorada, dos encontros entre trabalhadores, pesquisadores e usuários, incluindo muitas vezes os gestores e da potência de construir um grande encontro na cidade dentro de um contexto de uma pesquisa participativa em saúde mental na atenção básica. Lembro das andanças da saúde mental em encontro com a atenção básica, de outros elementos que se atravessavam, do corpo arrepiado, ou cansado, do corpo vivo. Quando entrei no InterVires, muito já tinha se construído sobre políticas públicas em saúde, sobre saúde mental, e pude perceber a potência desses encontros cotidianos em pesquisa. Andamos por muitas cidades nessa ocasião. Por falar em cidades, não sei se sabes, mas essa tem sido uma questão para o grupo agora. Ao menos, são as notícias mais fresquinhas que tenho. Cidades, como se constroem, ocupam? O que são essas cidades afinal? Essa coisa toda de andar por muitas cidades e com muitas pessoas diferentes acho que aguçou a vontade do grupo de seguir hibridizando.

Vou ficando por aqui. Espero notícias tuas, de como anda essa loucura pandêmica, em meio a paralizações e, ao mesmo tempo, um grande agito desse trabalhador da saúde, imagino eu. Fico aqui, com minhas novas aventuras maternais e espero que nos encontremos em breve, por aí, nessas andanças do grupo nas cidades. Um abraço,

Uma pesquisadora e trabalhadora e bailarina e agora também mãe da Clara e...

*Lu Barone.*

## **PRA QUEM QUER SABER SOBRE INTERVIRES...**

Para quem quer saber sobre o Grupo InterVires, não sei se posso contar muito. Sempre fiquei pensando que entrei no grupo depois de muita história que só ouvi falar... mas posso compartilhar um pouco desse InterVires que hoje há

em mim, das coisas que se produzem nessa relação que tem poucos anos e que se impõe incipiente pelo meu desejo de querer ficar mais.

Esse grupo sempre foi, para mim, sinônimo de estudos em saúde: um pé grande no pensamento sobre o trabalho em saúde, um corpo todo em saúde mental. A saúde mental, por anos, ocupou minhas leituras, meu desejo e meu pensamento até que, confesso, houve em mim, uma vontade cansada de trilhar outros caminhos. Eu percebi, nessa história, que me parecia bem difícil mudar de rumo porque parecia que eu estava sempre começando, sempre temendo perder um tanto do que já foi feito, sempre inexperiente, lendo sem astúcia até mesmo os livros já grifados. Estudar uma coisa nova, mesmo com as velhas leituras, é como descortinar um novo palco no qual a peça é sempre improvisação, impensada em cada ato.

Nunca me esqueço da minha primeira reunião no InterVires, neste dia, até chegar à sala do encontro era difícil porque tudo era novo, havia uma confusão que fazia com que a sala tivesse o número do andar errado e todas as explicações complexificavam o que deveria ser muito simples. Quando cheguei aonde todo mundo se conhecia e me desconhecia, sentia que todas as pessoas eram estranhas; estranhas na aparência nada familiar, estranhas na voz de sotaque distinto, estranhas no pensamento de quem começa nova pesquisa. Eu cheguei no tempo em que o InterVires começava a estudar “cidades” e, para acerto do acaso, isso acontecia em compasso com o meu desconhecimento da nova cidade, na qual eu passaria um tempo em função do doutorado.

“Só pode ser loucura ou brincadeira”, eu pensava. Tantas coisas combinam com a história desse grupo e “esse povo doido” se arvora a mudar de mundo, a transgredir a lógica dos estudos a inventar o que nem se sabe ainda o que é – assim o estranhamento dos novos estudos do grupo se fixava em mim de vez em quando. Felizmente, nos loucos encontros a gente se produz Vida e aos poucos, mesmo sempre estrangeira, eu ia me percebendo cada vez mais parecida com o grupo, percebendo o quanto nossas histórias eram compassadas, sendo que cada vez mais estar ali fazia sentido.

Aprendi no InterVires a inventar um monte de mim na estrada do desconhecimento que leva à produção de saber, aprendi a acolher estrangeirices, a fazer fogo-amigo, a ver bergamota na tangerina, a desviar-me de qualquer sina porque pesquisar precisa ser a invenção de outros caminhos. No InterVires, aprendi que enveredar por outro trajeto não tem nada a ver com ignorar o passado. Inventar outros rumos é ressignificar as marcas deixadas por nosso percurso, é encarar o medo do desconhecido, é rejeitar a ideia de conformar-se no papel de especialista, é inventar cidades onde se mora menos adormecido, é construir mundos onde a gente cabe. Isso me ajudou a encarar com mais tranquilidade o medo de querer fazer algo diferente do óbvio e conseguir andar-dançante no limite dos paradigmas da Academia!

No InterVires, tão estranho no princípio, conheci amizade e, estudando cidades em Porto Alegre, aprendi a me sentir em casa mesmo onde meu pé andava em quadras curvas de se perder facilmente. No InterVires, aprendi que fazer pesquisa pode constituir laços ao invés de nós. Nesse grupo, mesmo sendo eu sempre uma estrangeira com pessoas estranhas (pois gente nova e louca sempre chega), aprendi a não ter medo de perguntar, aprendi a testar o inusitado sem me sentir só, porque lá (tão longe de onde sempre chamo de lar) me senti à vontade. InterVires é o espaço no qual fazer pesquisa rima com ousadia, com um fazer impertinente... InterVires é movimento que nunca se conforma e que nesse movimento faz casa, faz família, traz conforto mesmo quando há incômodo.

Da minha ‘inda parca parte nesta história, o que posso dizer é: Quem um dia ao InterVires “pertence”, pode se lançar em rumos outros – às vezes mais perto, às vezes mais distante – mas entre um ou outro movimento, sempre pousa em grupo.

*Ariadne Cedraz*

## **A PORTO ALEGRE,**

### **PARA CONJUGAR O VERBO “ESPERANÇAR”**

Como estás, querida?

Fiquei sabendo que não tens sido bem tratada pelos teus últimos governantes abusivos - e a maior parte das pessoas por aqui também têm sofrido com essas relações. Sei que são tempos pandêmicos, eleitorais e caóticos, mas realmente espero que fique tudo bem contigo e que logo possas me retornar com boas novas, por isso decidi te escrever essa carta. Rubem Alves (2010) uma vez disse que não escrevemos cartas para dar notícias. Escrevemos cartas para que palavras separadas se colidam e produzam sentido nas folhas de papel, para que mãos distantes se toquem, para que possamos ler e depois reler, para que possamos as colocar contra o rosto com ternura. Também não precisa analisar as palavras colocadas aqui, viu? Interpretar uma carta é uma armadilha para Rubem Alves, porque elas sempre falam sobre o que não está escrito: desejo, ausência, nostalgia, amor. Qualquer tentativa de interpretar uma carta corre perigo de a reduzir. Outro ponto que gostaria de te dizer é sobre a diferença entre a carta e o telefonema. Decidi não te telefonar porque em uma chamada telefônica sempre existe a imposição de um mesmo ritmo de tempo... tu estás muito atarefada, a conversa precisaria acontecer naquele instante e, no final das contas, todo mundo sairia sem nada nas mãos.

No momento em que decidi te tornar minha casa, trouxe do interior um tipo de nostalgia romântica inventada por Baudelaire. Ele sempre odiou a França, sonhando em trocá-la por outro lugar em um continente distante da Europa. Ele sonhava sobre o momento da partida em portos ou estações ferroviárias, onde

exclamava: “Carruagem, leva-me contigo! Navio, arranca-me daqui! Leva-me para longe, muito longe. Aqui, a lama é feita de nossas lágrimas!” (Botton, 2012, p. 41). Ele acabou nunca partindo da França, mas acredito que muitas pessoas que partem de seus lugares-primários para chegar até aqui também enxergam em ti um lugar possível para dar vazão a esse tipo de sentimento.

Quando atravessei a ponte do Guaíba era noite, fazia frio e não carregava nada mais que algumas malas, expectativas e desejos. Aquela cena logo me transportou para dentro das pinturas de Edward Hopper sobre as experiências contemporâneas em grandes cidades. Ele não pintou sobre ti, Porto Alegre, mas sobre outras cidades que tu já deves ter ouvido falar. Ao mesmo tempo, também poderia ser sobre ti, afinal, são cenas comuns de metrópoles. Suas pinturas retratavam figuras distantes, sentadas ou em pé, sozinhas, bebendo num bar; contemplando uma carta - assim como tu quando leres estas palavras; observando um trem em movimento pela janela do quarto ou lendo um livro no saguão de um hotel. Seus rostos eram sempre vulneráveis e introspectivos. Talvez tenham deixado alguém ou foram deixadas; talvez estejam à procura de trabalho, companhia; ou simplesmente talvez estejam à deriva em lugares transitórios. Como bem sabes, tem um punhado de gente que chega aqui. Gente que chega pela ponte do Guaíba - como eu; gente que chega pelo aeroporto e tem até mesmo gente que chega pelo lago. Ou rio - inclusive, essa é uma das dúvidas que saltitam pela rua sem consenso nas respostas, estão me diz em outra carta: o Guaíba é lago ou rio? Bem, a única coisa que sei é que cheguei pela tua rodoviária e ela é uma pintura hopperiana à brasileira.

Bem, voltando ao assunto, toda essa gente que chega acaba por habitar algum lugar, sejam eles os mais precários ou os mais abastados. No meu caso, encontrei uma casa móvel chamada InterVires, já ouviu falar? O InterVires é devir e, um deles, é o devir república-ambulante, que recebe um punhado de gente interessada em fazer de ti uma cidade possível e, como bem sabes, uma cidade possível é uma cidade alegre. De tempos em tempos, chega gente de tudo quanto é canto interessada em tudo quanto é coisa. O InterVires é uma república móvel porque é casa fixa em ti, Porto Alegre, mas também é casa em uma parentada tua! Se quiseres, podes perguntar sobre nós a São Paulo, Aracaju, Natal e tantas outras que também são da família. Nós gostamos mesmo é de construir redes. Falando em redes, tenho me perguntado se todos esses teus cabos de rede e fios de alta tensão, cruzando-se por todos os lados, mais nos afastam do que nos unem. Mas não é só a tensão elétrica que existe numa cidade grande, são também as tensões entre o eu e o outro, entre público e privado, entre projetos individualizantes e projetos de construção de um comum. Nesse caso, o exemplo das pinturas de Hopper foi para dizer que o InterVires -república-fixa-ambulante resiste a fazer de ti um lugar de cenas que nos isolam, mesmo que o momento atual demande isolamento físico, mas não social e muito menos afetivo.

O InterVires é lugar de encontro, de riso, de choro, de potência de escuta, escrita e de fala. É lugar de resistência contra qualquer tipo de precarização da vida na experiência de respirar teus ares. É lugar de coletivizar os afetos e também é lugar de luta. É lugar que se espalha por cada região do teu corpo, tentando manter viva e potente a capacidade de nós conjugarmos coletivamente o verbo “esperançar”. Vamos marcar novos encontros?

*Conta conosco, Iago.*

## **PARA CAÊ E SUA GERAÇÃO**

Hoje tu tens apenas 22 semanas dentro de uma bolha de água quentinha e, imagino, calorosa! Quando saíres, encontrarás aqui fora aconchego e colo, mas que jamais alcançará os graus de acolhimento que tens aí dentro. O mundo aqui fora não é fácil... nem para as crianças, nem para os adultos. Será trabalhoso aprender a falar, a sentir, a pensar, a desejar. Eu torço para que tu encontres nesta vida motivos sempre para continuares. É por isso que eu escrevo esta carta para ti, para te contar que para continuarmos precisamos encontrar almas mundanas dispostas a acolher as diferenças e a fazer atos no mundo e não apenas em pensamentos. Quando a gente atua no mundo, a gente corre riscos porque nossos esforços nunca sairão exatamente da maneira que queríamos, mas ainda assim, valem a pena e mais, por isso mesmo valem a pena! Um dia tu vais descobrir que o mundo jamais será exatamente da maneira que tu lutaste para que fosse, mas que ainda assim a luta valeu pelas pequenas coisinhas do dia a dia que viste mudar. Não há maneira de lutarmos sozinhos, não te esqueças disso! Por isso escrevo. Para te contar que quando pensares que no mundo só existe gente na contramão das tuas ideias, tu lembrares que precisas seguir buscando! Eu encontrei muita gente ao longo do meu caminho e este aqui, o grupo InterVires, foi um dos gratos encontros com o qual a vida me presenteou. Este grupo cheio de gente diferente uma da outra me acolheu e me ensinou que estudar e pesquisar pode ser belo. Se tem algo que este encontro me proporcionou e que desejo a ti e a toda geração que nasce contigo, é que vale a pena estudar com amigos, pesquisar com afetividade, se divertir trabalhando. Confesso, não é fácil, nestes dois anos que estive no InterVires, as demandas de fora me permitiram participar de um jeito possível e não em tempo integral. O que me ensinou que as singularidades humanas também podem ser aceitas por aqueles capazes de as entenderem e que a intensidade dos momentos vividos juntos talvez valha mais que a burocrática constância exigida pelas normas acadêmicas. Eu vivi momentos extremamente importantes com este grupo aconchegante (quase tal a bolha na qual tu te encontras), ainda que controversos! Controverso é bom, pois impossível qualquer relação



sem a complexidade da contradição. Momentos pensantes, festivos, aventureiros, companheiros, amigáveis e difíceis. Neste meio tempo, sofremos um golpe de Estado, que desde então vem tentando acabar diariamente com nossos trabalhos acadêmicos, com as pesquisas nas quais incansavelmente viemos trabalhando para combater as desigualdades sociais. Somado a isso vivemos uma pandemia mundial que mata mais de 600 pessoas por dia só no Brasil, não bastasse as mortes corriqueiras nas favelas, efeito de um país escravocrata e racista. Tu, contra todas as expectativas das políticas genocidas que presenciamos, nasceste agora! Em meio ao caos político, às mortes e a tristeza que este sistema produz em todos os que percebem as injustiças e não se negam a enxergá-las. Tu nasceste! Uma vida na contramão da morte, para nos ensinar que vale a pena continuar. Que Eros brota e não se cansa de insistir. No InterVires, conheci pessoas engajadas com a luta de mulheres, indígenas, imigrantes, moradores de rua, negros e daqueles que não se enquadram nos padrões de normalidade. Do mais novo ao mais velho, por um breve espaço no tempo, lutamos juntos, sem hierarquias, e seguiremos, porque aquilo que se faz uma vez produz efeitos que seguem se perpetuando ao longo do tempo. Eu desejo que estes efeitos cheguem até a tua geração. Porque a vida é assim, as colheitas apenas podem ser feitas quando alguns tiveram a coragem de plantar. Nós todos aqui estamos tentando plantar sementes de fraternidade para vocês. Que vocês possam colher e seguir plantando o que o mundo futuro necessitar, com paixão, coragem e alegria! Três elementos fundamentais para que nunca se desista da árdua e apaixonante batalha que é viver. Viver com vontade de guerrear: “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”, como diria Rosa Luxemburgo.

*Juliana.*

## **AOS COLEGAS DO GRUPO INTERVIRES**

Hoje pela manhã, após ter sido convidado pela Simone a compor a escrita do capítulo sobre este grupo, escutei uma música que me emocionou profundamente, e é com ela que inicio esta carta:

Vejo a vida passar num instante  
Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
Não sei, não posso saber  
Quem segura o dia de amanhã na mão?  
Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada  
estação  
Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?  
Seria, sim seria, se não fosse o amor

O amor cuida com carinho  
 Respira o outro, cria o elo  
 O vínculo de todas as cores  
 Dizem que o amor é amarelo  
 [...]  
 Queria eu guardar tudo que amo  
 No castelo da minha imaginação  
 Mas eu vejo a vida passar num instante  
 Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
 Eu não sei, eu não posso saber  
 Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida  
 Farei um altar pra comunhão  
 Nele, eu serei um com o mundo até ver  
 O ponto da emancipação  
 Porque eu descobri o segredo que me faz humano  
 Já não está mais perdido o elo  
 O amor é o segredo de tudo  
 E eu pinto tudo em amarelo.

*(Emicida & Nave, 2019)*

Principia. Principiar. Iniciar algo ou alguém. Criar algo. Desconstruir. Construir. Conhecer. Intervir. São verbos encarnados nas práticas de um grupo que acolhe estudantes e pesquisadores, com escolhas teóricas distintas, temas de pesquisa diversos, mas com uma dimensão ético-política em comum: cada um de nós é um com o mundo e, enquanto houver amor [entre nós, com os outros, com e para o mundo], estaremos tentando mudar os cursos das nossas vidas, da vida de todes.

Após quatro anos afastado da UFRGS, retorno em 2019 como professor do Departamento de Psicologia Social e Institucional, tendo como a minha morada nesta instituição o grupo de pesquisa-intervenção InterVires. O gentil convite da, agora minha colega, Simone, acalentou uma alma inquieta e um corpo trêmulo, que, sem saber onde pisar, encontrou um espaço em que se sentiu abraçado, acolhido. Por isso, penso que, em todas as pesquisas e projetos de extensão, grupos de leituras e estudos, através dos quais nos dedicamos a pensar e lutar por políticas públicas que asseguram a todes uma vida melhor, é o amor que se atravessa, que irrompe e é sentido a cada encontro, presencial ou virtual, quando rimos e choramos juntos. Entendi que esse grupo nunca seria “meu grupo”, porque ele é nosso. É um grupo que cuida com carinho, que respira o outro, que cria elos. Somos um com o mundo.

Dizem o que o InterVires é amarelo...

*Um grande abraço e muito obrigado pela acolhida! Moises*

## **INTER(VIRES) EM MIM – CAMINHOS QUE PERCORRI PARA VIR E INTERVIR**

Nem um dia sequer deixei de pensar em voltar. Sabia, já fazia alguns anos que minha volta tinha destino, mas que esse tal lugar a destinar meu corpo foi mudando até ser mudado radicalmente. Não seria mais para Ijuí e para a UNIJUÍ, de que me despedi em 2009, depois de mais de duas décadas ajudando a construir uma universidade vocacionada para o desenvolvimento (humano) regional, para a autogestão e para o fazer (universidade) coletivo. Um dia, respirei fundo e cortei umbigo. Não exatamente assim, pois umbigo é cortado como fato inquestionável, não porque a gente pede. Pois bem, eu não era exatamente uma criança (mas ela estava por ali), então decidi cortar e me soltar. O corte foi bem aceito pelas partes e me vi, nos dias seguintes, em uma universidade federal. Mas, aquela (primeira) não era, ainda, minha casa, embora tenha sido escolhido para habitá-la e fosse querido por seus/as moradores/as. Meu coração já pulsava em Porto Alegre e isso não tinha sido um propósito, pois coração é despropositado, todes sabemos, e lá (hoje aqui) já havia deitado pequenas raízes, que foram se aprofundando em um solo que me pareceu fértil e fui percebendo que ele era capaz de sustentar gramíneas que desejam espalharem-se. Então, a tal desejada volta, aquela em que nenhum dia deixei de pensar, foi se modificando e uma nova paisagem foi aparecendo. Mas, antes mesmo de voltar para onde efetivamente nunca estive, ancorei por aqui meu barquinho e pela generosidade de amigas, sobretudo elas, que por aqui estavam com raízes fortes e gramas e que se faziam ouvir (pelo crepitar de seu crescimento) por muitos lugares desse país. Venho, então, ajudar na gestão da saúde no estado. Fiz pontes, ajudei no que pude em um momento muito grave de uma crise no SUS que se anunciava já aquela época (e que era só a ponta do *iceberg*, hoje sabemos). Finda essa que foi uma incrível incursão na política desde a gestão do SUS, me recolho para a Ilha, que é bela, meu quase destino. Nas inda e vindas, quando enfim ganhei a notícia que seria professor da UFRGS, a então (ainda) genitora (sim, a mãe) do InterVires (hoje vó pois a pesquisa-brincar que ela criou gerou muitas pessoas brincantes) com sua generosidade sem fim e sua capacidade de tecer redes e de acolher (é vocação, né?) desgarrados brincantes desprovidos de brinquedos e de outros/as para brincar, me acolhe nesse incrível grupo-brincalhão. Já vínhamos brincando juntos (com uma turma muito legal) há mais de década e, nesse tempo, inventamos coisas incríveis, com pessoas muito dedicadas a criar modos de cuidar e de gerir (o cuidado, os lugares onde ocorre e seus processos de trabalho) que ultrapassassem o convencional pelo formalismo das instituições e seus regramentos normalizantes, quase nunca capazes de acolher o singular. Enfim, eu tinha agora a possibilidade de ingressar e de compor uma oficina (já bem aparelhada) que se destinava à fabricação de pesquisas-ensino-brincantes.

Vim ver. Inter(vi). Venho(vendo). Ajudar a fazer incidir o Campo da Saúde Coletiva no mundo da Psicologia Social foi acontecendo como um fazer-convocação em mim. Por aqui, no InterVires assumo a condição de aprendiz, pois rodado que sou de mestres estudantes e colegas da(s) universidade(s). Então, desde que por aqui cheguei, o InterVires é parte desse porto que se fez alegre. Melhor, foi se fazendo alegre, um porto onde me seguro, adjetivo que só é possível porque no InterVires nos asseguramos pelos afetos iluminados pela amizade, pela alegria de estar juntos e juntas, afetados por valores cujo sentido estão impressos em um desejo (inabalável) de construir um mundo melhor para todes. Compromisso com a vida, com a pessoas, sobretudo as mais frágeis, aquelas que precisam de mais atenção, cuidado e proteção. Inter(viemos) como essa “química” da ética da vida, buscando criar conexões (singulares), forjando novas entradas de saídas (em organizações e grupos) nem sempre convencionadas, pois para se fazer justiça com equidade é necessário respostas que (nem sempre, quase nunca) temos a mão. Necessário, então, inventá-las.

*Dário.*

## **QUERIDES JOAQUIM, GUILHERME, MONIQUINHA, HELOISA, LORENA- LOLÔ, CLARA, RECÉM CHEGADES FRANCISCO, MARTINA E CAÊ E VINDOURA ELISA:**

Acho que vocês nem sabem quem é esta *nona* que escreve esta carta, mesmo assim eu queria contar uma coisa a vocês. Antes mesmo de vocês virem ao mundo, eu e seu pai ou mãe (que agora vou chamar de criador/a) estávamos nos preparando para esperar vocês. Ou melhor, a gente queria preparar o mundo para ficar mais legal para a chegada de vocês e a gente inventou um brinquedo pra esta espera ficar mais divertida, que a gente chamou de pesquisa-intervenção. É um nome comprido e esquisito, mas o brinquedo é fácil, então vou apelidar de pesquisa-brincante para contar como se joga. Sim, é tipo um jogo, com 3 regrinhas<sup>3</sup> bem simples:

1<sup>a</sup>) todo mundo sabe brincar de alguma coisa

2<sup>a</sup>) ninguém sabe brincar melhor que outro ou outra

3<sup>a</sup>) todo brinquedo que a gente inventa tem que ser divertido para todo mundo

3 Inspirado nas três regras da inteligência coletiva proposta por Pierre Lévy (2003): (a) Todo mundo sabe alguma coisa; (b) Ninguém sabe tudo; e (c) todo saber é universal.

Sabem como é que o brinquedo começa? Quando qualquer um de nós tem vontade de trocar brincadeiras com outros amigos, aprender a jogar pesquisa-brincante e chamar suas turmas pra jogar com a gente. Uns/umas criadores/as traziam um povo que nem tem casa pra morar, mas tem jogos pra nos ensinar; tinha turma de professores que vinham pra aprender a brincar com seus alunos; tinham crianças que não jogavam os jogos das escolas delas e queriam brincar de outras coisas; veio também umas mulheres que andavam muito tristes porque brigaram com os maridos e queriam achar novos amigos e amigas pra conversar; e tinha uma turma grande que sempre brincava com a gente e que são chamados de doidos, malucos porque não fazem as coisas do mesmo jeito que todo mundo tá acostumado. Daí, tem muita gente ruim que não quer deixar esses, que eles chamam de loucos, se misturar com os outros e andar pela cidade, inventando seus jeitos de brincar. Bah, isto nos deixava muito braves, tanto que eu e seus criadores/as fizemos de nossos colegas preferidos de pesquisa-brincante esses mesmos ditos loucos e toda uma turma de quem cuida dos loucos, porque eles topavam muito nossas 3 regrinhas, que não vale tirar ninguém da brincadeira só por ser diferente e gostar de brincar esquisito.

No começo, tinha muita gente da nossa escola que achava que isto nem era brincar de verdade, só porque a gente não contava pontos, não tinha vencedor e perdedor do jogo, e dizia que todo mundo podia jogar. Mas, nossa escola é muito grande e espalhada - se chama universidade - que já dá uma ideia que parece que ela pode estar em tooodo universo, o que é meio petulante, não acham? A gente só brincava em Porto Alegre mesmo, mas como pela regra 3 todo mundo que experimenta pesquisa-brincante vai chamando mais gente para brincar, até que a gente se espalhou um bocado e hoje tem criadores/as de vocês fazendo pesquisa-brincante em vários cantos do país. Até em outros países, às vezes, achamos quem queira ser pesquisador-brincalhão.

Olha, foi tanta invencionice de pesquisa-brincante nesses 10 anos que nossa turma do InterVires experimentou que até inventar de virar pai e mãe seus criadores/as inventaram, porque a gente descobriu, brincando de pesquisar juntas, que quanto mais se inventa nesta vida, mais a vida fica interessante, daí a gente até se encoraja de trazer mais gente para o mundo. Aquela parte que falei no início, de que a gente se juntou para preparar um mundo mais legal pra vocês chegarem, ainda não deu tão certo quanto a gente queria. Tá cheio de coisa torta, que deixa um montão de gente de fora das brincadeiras e das coisas bonitas da vida que a gente queria que todas as pessoas fizessem parte. Mas, a gente não desistiu, porque tinha um professor bem velhinho, com bigodão que pensava umas coisas meio malucas e escrevia umas lições incríveis que a gente gostava de ler juntas lá no InterVires e ele nos ensinou que quanto mais a gente tem vontade de brigar por um mundo melhor, mais tem chance de ele melhorar de verdade. Ele escreveu um

livro muito lindo dizendo que para isto acontecer a gente tem que ser resistente feito um camelo, forte feito um leão e brincalhão feito uma criança<sup>4</sup>.

Por isto, eu quis escrever esta carta, para dizer que eu estou muito feliz que vocês existam. Olhar para vocês hoje nas barrigas e colos de seus criadores/as me lembra que a gente brigou muito quando tinha que brigar, trabalhou muito pra chamar mais gente pra muitas pesquisas-brincantes, e se divertiu muito com tudo isto que a gente fez junto. Olhar para vocês hoje me dá tanta alegria, que acho até legal imaginar que toda a minha vida podia congelar agorinha. Tipo a tela do computador quando fica parada no mesmo lugar, sabem?! Aquele professor bigodudo chamava de ampulheta do destino, mas é que nem tinha computador no tempo dele. Então, esta carta é para dizer obrigada a vocês e seus/suas criadores/as, por chegarem comigo neste instante que se voltasse igualzinho amanhã e depois e depois eu poderia dizer: “- Bora brincar outra vez!”

*Simone.*

4 Em referência ao *Zarathustra* de Nietzsche (1996).

## REFERÊNCIAS

- Alves, R.** (2010). *Do universo à jabuticaba*. Planeta.
- Botton, A.** (2012). *A arte de viajar*. Intrínseca.
- Emicida & Nave** (2019). Principia. In *Amarelo* [CD]. Sony Music, Laboratório Fantasma.
- Gil, J.** (2001). *Movimento Total: O Corpo e a Dança*. Relógio D'água.
- hooks, b.** (2020). *Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática*. Elefante.
- Krenak, A.** (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Lévy, P.** (2003). *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Loyola.
- Lispector, C.** (1998). *Água Viva*. Rocco.
- Nietzsche, F.** (1996). *Así habló Zaratustra*. Alianza Editorial.